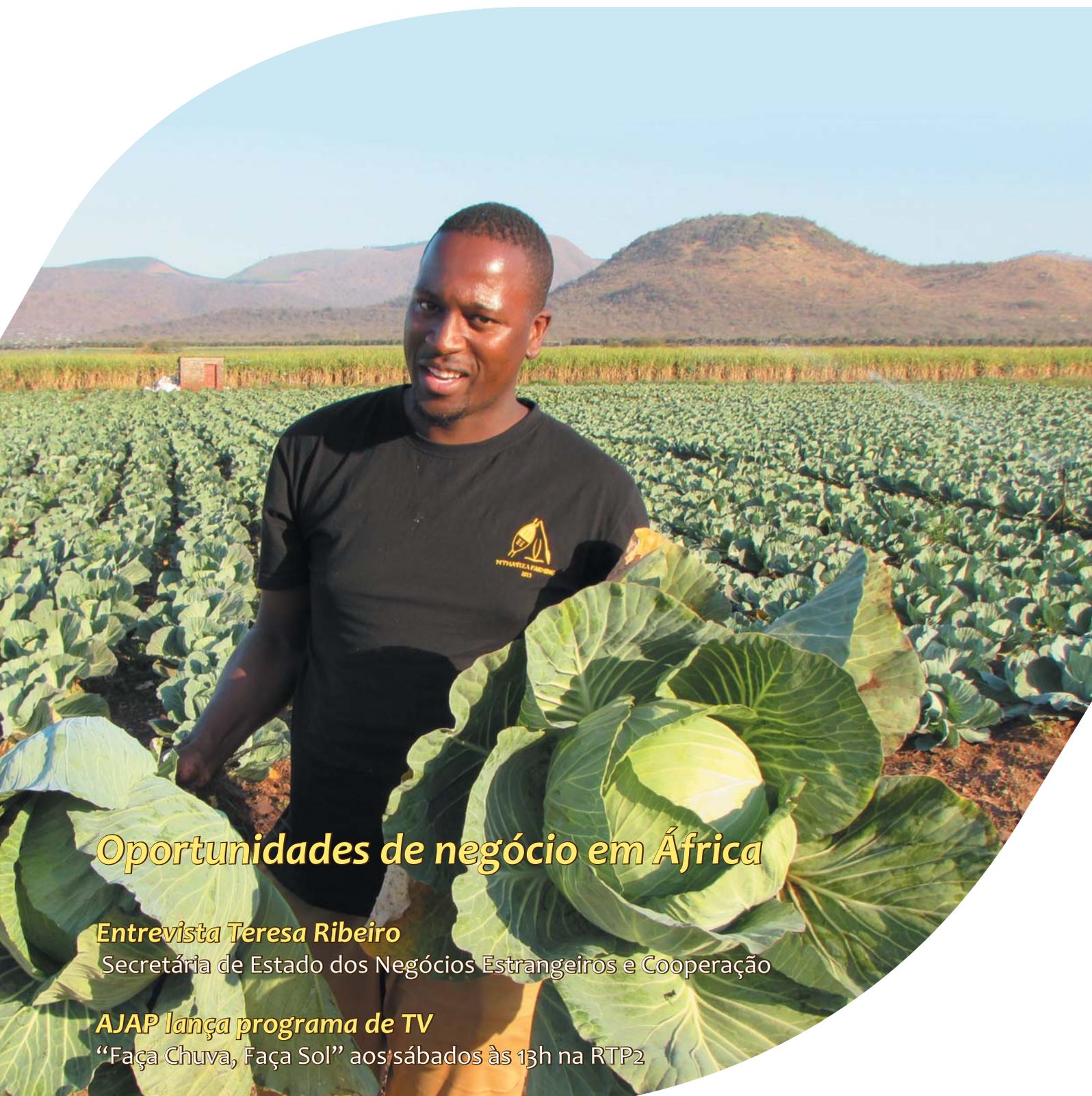


# Jovens Agricultores

#107

JUL|AGO|SET| 2016 | Distribuição Gratuita

Associação dos Jovens Agricultores de Portugal



## *Oportunidades de negócio em África*

*Entrevista Teresa Ribeiro*

Secretária de Estado dos Negócios Estrangeiros e Cooperação

*AJAP lança programa de TV*

“Faça Chuva, Faça Sol” aos sábados às 13h na RTP2



**Sementes de Qualidade**



**A Lusosem Moçambique disponibiliza e desenvolve Sementes Certificadas de Qualidade em permanente evolução e adaptadas às necessidades do Mercado Moçambicano.**



**Variedades Inovadoras • Genética Avançada • Elevada Qualidade**

Associado às variedades que disponibiliza, a **Lusosem Moçambique** oferece um serviço de **Desenvolvimento e Assistência Técnica** permanente com o objectivo de otimizar os resultados do Agricultor.  
**Contacte-nos!**

*partilhando qualidade, criando desenvolvimento*



## 04 Editorial

### Notícias

05 Programa “Faça Chuva, Faça Sol” aos sábados às 13h na RTP2

06 Conferências “Jovem Agricultor” percorrem o país

### Entrevista

09 «A Cooperação é outra forma de internacionalizar a economia»  
Teresa Ribeiro, Secretária de Estado dos Negócios Estrangeiros e Cooperação

### Dossier Central - Oportunidades de negócio em África

13 AJAP realiza missão técnica a Moçambique

16 AJAP homenageada com Prémio AGRO-BUSINESS 2016 Portugal - Moçambique

18 Oportunidades de investimento em Moçambique - a visão da Fenagri

21 São Tomé e Príncipe tem potencial para lá do cacau

24 Angola - Um gigante adormecido

### Parceiros AJAP

28 «O consumo alimentar vai crescer muito na China»,  
Alberto Carvalho Neto, Presidente da Associação de Jovens Empresários  
Portugal - China

### Investigação e Desenvolvimento

30 Mosca da Azeitona- gestão integrada com nova ferramenta autónoma  
de contagem automática - Entomatic



## Cooperar, internacionalizar e investir

A presente edição da revista Jovens Agricultores é destinada a outras paragens, outras possibilidades e novas oportunidades.

Cooperar, internacionalizar e investir são temas fortes de futuro.

Países que falam a nossa língua como São Tomé e Príncipe, Angola e Moçambique merecem destaque, apesar das dificuldades de vária ordem que estes países atravessam, vivem Portugal e historicamente sentem Portugal.

Macau, importante porta de entrada para o grande mercado da China, é também chamada a esta edição. Não só pela presença da AJAP na MIF 2016 – Feira Internacional de Macau, mas também pela ligação da AJAP à AJEPC – Associação de Jovens Empresários Portugal-China, entidades protocoladas e que vêm desenvolvendo algumas atividades conjuntas.

Queremos ser agentes facilitadores de futuros empreendedores e empresários que encaram estes mercados com possibilidade de estabelecer parcerias e criar negócios.

Portugal produz qualidade, produz emoções e saudade e nesse sentido temos de ser capazes, à nossa escala, de fazer chegar vinhos, azeites, queijos e outros produtos de referência.

Importa exportar português, mas também valorizar a importação de produtos de qualidade que não temos aptidão de produzir, acima de tudo devemos ter abertura para encontrar parceiros e condições nesses países para que conjuntamente possamos investir.

A AJAP não vira costas a desafios, e este é sem dúvida de grande envergadura.

*Eduardo Almendra, Presidente da AJAP*



### Ficha Técnica

**Propriedade e Edição** AJAP - Associação dos Jovens Agricultores de Portugal

Rua D. Pedro V, 108 - 2º, 1269-128 Lisboa | Tel: 213 244 970

**Direção** Eduardo Almendra

**Coordenação Editorial** Nélia Silva

**Colaborou nesta edição:** Margarida Matos (jornalista)

**Secretariado** Olga Leitão

**Departamento Comercial** Comunicland – Comunicação e Marketing | geral@comunicland.pt

**Paginação** Miguel Inácio **Impressão** GMT, Gráficos, Lda.

**Depósito Legal** nº 78606/94 **Registo de Título** nº 116714

**Tiragem** 10 000 Exemplares **Periodicidade** Trimestral

**E-mail** revista@ajap.pt **URL** www.ajap.pt

**Distribuição** Gratuita

Com o apoio



INSTITUTO PORTUGUÊS  
DO DESPORTO  
E JUVENTUDE, I. P.

## Agricultura regressa à RTP2 aos sábados às 13h



**"Faça Chuva, Faça Sol", um programa de televisão da autoria e com produção da AJAP - Associação dos Jovens Agricultores de Portugal, marca o regresso da Agricultura à televisão portuguesa!**

A RTP2 iniciou dia 1 de outubro a transmissão do programa "Faça Chuva, Faça Sol", criado, realizado e produzido pela AJAP. Trata-se de um magazine semanal de 15 minutos sobre a Agricultura em Portugal, onde se procura evidenciar projetos de referência, novas formas de gestão agrícola, tendências e inovação.

*«Vamos mostrar casos concretos, de norte a sul do país, nas várias valências da agricultura contemporânea, da tradicional à inovadora, da tecnológica à transformadora. Num setor em mudança, pretende-se revolucionar a forma como se olha para a Agricultura em Portugal, que hoje representa crescimento, criação de valor, emprego e alternativas sustentáveis capazes de contrariar a desertificação dos campos e das zonas rurais», afirma Firmino Cordeiro, Diretor-Geral da AJAP.*

Cada programa terá a intervenção de um reputado especialista na área agrícola e divulgará informações úteis ao nível de apoios e legislação do setor agrícola.

O 1º episódio do "Faça Chuva, Faça Sol" foi visto por mais de 30.000 pessoas.

"Faça Chuva, Faça Sol" fará parte da grelha de programação da RTP 2 até final de 2016.

## AJAP presente na Agroglobal



A AJAP marcou presença na 5ª edição da Agroglobal - Feira das Grandes Culturas, de 7 a 9 de setembro em Valada do Ribatejo. O stand da AJAP localizou-se junto ao Pavilhão Agrolnov, que foi o palco privilegiado para mostra das tecnologias mais futuristas aplicadas à agricultura. Os dois auditórios da feira tiveram lotação esgotada para ouvir 84 especialistas e analistas sobre técnicas e políticas agrícolas, numa reflexão acerca do presente e do futuro da Agricultura. No debate sobre o acordo de Parceria Transatlântica de Comércio e Investimento (TTIP), o Ministro da Agricultura, Capoulas Santos, disse que *«para a UE e EUA, dois blocos económicos que representam 46% do PIB mundial, o entendimento é indispensável. Genericamente este acordo é benéfico para Portugal, no sector hortofrutícola, para o azeite, vinho e produtos transformados. A abertura daquele mercado será vantajoso, embora implique um impacto negativo noutros setores como a carne de bovino»*. Segundo a organização, estiveram presentes 286 empresas expositoras e a feira foi visitada por 35 mil pessoas.



## Conferências “Jovem Agricultor” percorrem o país

Os exemplos de Jovens empreendedores que investem no setor agrícola e o debate com especialistas, técnicos e responsáveis políticos sobre oportunidades e desafios da Agricultura são os ingredientes do Ciclo de Conferências “Jovem Agricultor”. Estivemos em Caminha, Tavira, Peso da Régua, Nelas e Estremoz. Funchal é o próximo destino, a 25 de novembro.

**ESTREMOZ, 6 DE OUTUBRO**



«A parceria entre a AJAP e o Crédito Agrícola de Estremoz tem resultados muito profícuos para os agricultores da região», **Normando Xarepe, presidente da CA Estremoz, Monforte e Arronches**



«A ruralidade deve ser aprofundada no concelho de Estremoz», **Francisco Ramos, vice-presidente da Câmara Municipal de Estremoz**

«O Jovem Empresário Rural é uma questão que se impõe cada vez mais e a AJAP tem demonstrado a maturidade e organização para assumir uma responsabilidade cada vez maior nestas matérias», **Lino Viegas Afonso, CA Seguros**

«O preço do dinheiro na hora de comprar ou arrendar terras é o maior problema de qualquer jovem agricultor», **Guilherme Oliveira, jovem agricultor de Estremoz**



«É necessário um equilíbrio entre a agricultura de regadio intensiva e a agricultura de sequeiro extensiva», **Pedro Santos, Consulai**

«A agricultura e o mundo rural ganharam visibilidade e reconhecimento público. Há que saber tirar partido desta nova realidade», **Maria Gabriela Freitas, Gestora do PDR2020**

«O nível de execução do PDR2020 é de 19%. Num ano recebemos candidaturas num montante em euros equivalente a 68% do total do PRODER», **Maria Gabriela Freitas, Gestora do PDR2020**

«O grau de compromisso no PRD 2020 é grande, mas há margem para abrir candidaturas em 2017 e 2018. Os critérios de seleção dos projetos vão sofrer alterações», **Maria Gabriela Freitas, Gestora do PDR2020**

«Pertencer a uma OP deixará de ser um critério de majoração na medida Jovens Agricultores», **Maria Gabriela Freitas, Gestora do PDR2020**



**NELAS, 13 DE JULHO**

«Não posso estar mais de acordo com a questão do Jovem Empresário Rural», **Adelina Martins**, diretora regional de Agricultura e Desenvolvimento Rural do Centro



«O Dão está a sair do sono em que esteve durante muito tempo, tendo registado um aumento de 20% nas vendas de vinho nos últimos 4 anos», **Arlindo Cunha**, presidente da Comissão Vitivinícola do Dão

«Um projeto territorial para tornar o Dão num produtor de azeite de qualidade», **Madalena Barros**, dirigente da Cooperativa dos Olivicultores de Nelas

**PESO DA RÉGUA, 29 DE JUNHO**

«É necessário promover mais equilíbrios, por forma a que os pequenos produtores não se sintam à margem do processo de maior afirmação e consolidação da região do Douro», **Eduardo Almendra**, presidente da AJAP

«A agricultura é a mola real da economia do Douro e dela depende o crescimento sustentado do turismo», **José Gonçalves**, vice-presidente da Câmara Municipal da Régua

«A agricultura e o turismo são o futuro», **Bruno Cardoso**, Associação de Jovens Empresários Portugal China



«O Programa Nacional para a Coesão Territorial será delineado nos próximos 2 meses», **Helena Freitas**, coordenadora da Unidade de Missão para a Valorização do Interior

«O Regia-Douro-Park- Parque de Ciência e Tecnologia de Vila Real ajudará os agricultores e à internacionalização do Douro», **Artur Cristóvão**, Vice-Reitor da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro



«O novo desafio é diversificar a atividade económica do Jovem Agricultor (...) a AJAP pode ajudar o Estado a valorizar os recursos endógenos do Interior», **Carlos Duarte**, diretor do Instituto para o Desenvolvimento Agrário da Região Norte (IDARN)



## TAVIRA, 2 JUNHO



«Este ciclo de conferências demonstra que estamos de braços abertos para receber os jovens que querem investir na agricultura», **Firmino Cordeiro, diretor-geral da AJAP**



**Fernando Severino, diretor regional de Agricultura e Pescas do Algarve**, sublinhou que Tavira é concelho do Algarve que concentra maior investimento no setor agrícola

«O Algarve tem muito espaço para a agricultura e o município de Tavira está disponível para colaborar com todos os que aqui queiram investir», **João Rodrigues, vereador da Câmara Municipal de Tavira**

«O Algarve precisa de investir em Inovação e de reduzir custos produtivos através da agricultura de precisão», **Miguel Freitas, docente na Universidade do Algarve**



Dois jovens agricultores algarvios mostraram que é possível ter sucesso através da inovação: Rosa Dias, da Quinta da Fornalha, exploração familiar de 30 hectares reconvertida para modo de produção biológico, e Luís Sabbo, da empresa Luís Sabbo Frutas do Algarve



Com o patrocínio de:



## «A Cooperação é outra forma de internacionalizar a economia»

**Teresa Ribeiro, Secretária de Estado dos Negócios Estrangeiros e Cooperação, promete uma revisão profunda da Cooperação portuguesa, onde a iniciativa privada terá um papel de relevo.**



**O Governo aposta num novo modelo de cooperação, “menos assistencialista e mais capacitador dos meios humanos”. Como está a ser implementado nos PALOP?**

O novo modelo de Cooperação baseia-se em dois vetores: na avaliação da Cooperação portuguesa, suas vulnerabilidades e aspetos mais valiosos que

importa preservar, e numa nova agenda multilateral – a Agenda 2030 da ONU, o Acordo do Clima de Paris e a Agenda de Financiamento do Desenvolvimento de Adis Abeba –, que vai moldar os próximos anos da Cooperação para o desenvolvimento a nível mundial. Trata-se de uma revisão profunda da Cooperação portuguesa, menos assistencialista e com programas de nova geração, mais exigentes na sua conceção e avaliação. Damos prioridade à capacitação humana e institucional e à definição de estratégias de saída, para que os projetos não se eternizem.

**Quais os países prioritários para a Cooperação portuguesa?**

Os PALOP são prioritários, tal como Timor Leste. Por outro lado, sentimos necessidade de partilhar experiências com outros países que têm presença em regiões do mundo onde tradicionalmente Portugal não tem programas de Cooperação, mas onde queremos apostar: no Mediterrâneo Sul, na África Ocidental e na América Latina. Trabalhamos com França, Alemanha, Luxemburgo, Espanha, Uruguai, Chile e Argentina para execução conjunta de projetos. Estas parcerias reforçam as nossas capacidades e facilitam o nosso posicionamento face às multilaterais financeiras internacionais e projetam Portugal noutros palcos de cooperação.

**Dada a redução do Orçamento do Estado para a Cooperação, quais as alternativas de financiamento?**

Precisamos de robustecer a componente financeira, sem que isso represente um peso excessivo no Orçamento do Estado. Importará assim prepararmo-nos para recorrer a financiamento das multilaterais financeiras (ex: Banco Europeu de Investimento, Banco Africano de Desenvolvimento, Banco Mundial, Banco Europeu de Reconstrução e Desenvolvimento, Banco Asiático), onde há abundância de recursos, sobretudo



depois da agenda multilateral adotada em 2015. Estamos a reposicionar estrategicamente a SOFID (Sociedade Financeira para o Desenvolvimento) como instrumento de articulação com outros fundos internacionais. A Cooperação delegada da União Europeia, maior doador mundial para a política de desenvolvimento, nomeadamente através do Fundo Europeu de Desenvolvimento, também é uma fonte importante de financiamento. Por isso, desenvolvemos uma ação muito consistente para aceder a estes fundos, com vista a executar mais projetos sem recurso ao OE.

*«Vamos executar mais projetos sem recorrer ao OE»*

**No âmbito agrícola, que projetos de Cooperação estão em curso com os PALOP?**

Estamos muito conscientes da importância da segurança alimentar, é uma questão-chave devido às alterações climáticas e ao aumento da população mundial. Temos que apostar fortemente nos recursos agrícolas. Na Cooperação bilateral posso citar projetos como a Quinta Portugal, em Timor Leste; o apoio ao Instituto Agrário de Bilibiza (IABIL), em Moçambique, em parceria com a Fundação Aga Khan, ou o programa PAIPA de apoio aos agricultores na Guiné Bissau. Na Cooperação delegada, iniciámos recentemente o programa ATIVA, na Guiné Bissau (15 milhões de euros), em parceria com o Instituto Marquês de Valle Flôr. Temos outras candidaturas em curso para a área agrícola, exemplo do FRESAN, programa para a segurança alimentar em Angola (65 milhões de euros).

O objetivo destes programas é desenvolver a produção agrícola e capacitar os agricultores para que saibam aproveitar as potencialidades naturais dos seus países, contribuindo, assim, para responder às necessidades em matéria de alimentação.

**Qual o envolvimento do setor empresarial privado nos projetos de Cooperação agrícola?**

É grande a nossa aposta no setor privado, porque a Cooperação é outra forma de internacionalizar a economia. Os objetivos da Cooperação e da internacionalização são convergentes, na medida em que devem criar oportunidades tanto para os países beneficiários, como para as empresas portuguesas. A abordagem multi-parceiros, baseada na partilha de

responsabilidades e benefícios, será a que reforça a sustentabilidade dos projetos. Temo-nos batido em Bruxelas para que as PME estejam envolvidas nos projetos de Cooperação para o desenvolvimento liderados pela UE.

**A instabilidade política em Moçambique e a crise económica em Angola estão a afetar os projetos de Cooperação portuguesa nestes países?**

São ambos países com enorme potencial agrícola, que estão num momento menos bom economicamente, mas que não afeta a nossa política de Cooperação. Temos um relacionamento maduro com Angola e Moçambique, independentemente dos sobressaltos da conjuntura política e económica.



**É importante envolver mais a investigação portuguesa na Cooperação?**

Sem dúvida. Tal como precisamos do setor privado e da sociedade civil, a Academia é fundamental pela inovação e conhecimento. Portugal é visto como um país que presta assistência técnica e transfere conhecimento, mantendo uma relação de valor-acrescentado com os seus parceiros de Cooperação. Por exemplo, através de programas com o IABIL, acolhemos alunos de Moçambique no Instituto Superior de Agronomia.

**Como vê o papel dos jovens no desenvolvimento da agricultura nos PALOP?**

É absolutamente essencial captar os jovens para o movimento transformador desses países. Em África, 70% da população tem menos de 30 anos e 50% tem menos de 15 anos.

Portugal duplicou o número de bolsas atribuídas a estudantes dos PALOP, ao nível da licenciatura, no ano letivo 2016/2017, e vamos alargar esse programa com o envolvimento do setor privado. Queremos participar na formação de quadros para o futuro, como queremos também ajustá-la às reais necessidades dos nossos parceiros.

**A língua portuguesa é fundamental na Cooperação. Quais os planos do Governo quanto ao reforço do ensino do Português no estrangeiro?**

Iniciou-se agora um novo programa de colocação de docentes de Português em Timor Leste. Os professores de Português dão formação nas escolas, nas universidades e noutras áreas de soberania (justiça, parlamento, forças militares) nos PALOP e em Timor. Os esforços que fazemos em matéria de promoção da língua portuguesa são enormes. O que diria é que não estão devidamente divulgados.

**Quais as suas prioridades até final do mandato no âmbito da Cooperação?**

A minha grande ambição é chegar ao fim do mandato com a criação de um ecossistema, em que alinhemos as prioridades da política externa portuguesa, ajudemos a internacionalizar a economia e consigamos contribuir para melhorar as condições reais dos países parceiros, para que fiquem mais próximos do cumprimento dos objetivos do desenvolvimento sustentável.

**«Temos que apostar fortemente nos recursos agrícolas»**



## AJAP realiza missão técnica a Moçambique

A AJAP realizou uma missão técnica a Moçambique, de 27 de agosto a 5 de setembro, onde reuniu com autoridades moçambicanas e representantes dos agricultores. Desta missão deverá resultar uma parceria com uma organização para a realização de um programa de formação profissional aos jovens moçambicanos e a visita a Portugal de responsáveis do perímetro de regadio de Chókwè em busca de investidores.



Apesar da instabilidade política e económica que se vive atualmente em Moçambique, existem oportunidades de investimento para os empresários portugueses nos setores da agricultura, agroindústria e pecuária. A AJAP tem know-how e contactos privilegiados naquele país, fruto do trabalho de cooperação que vem desenvolvendo ao longo dos últimos anos. A última missão técnica da AJAP a Moçambique visou estreitar laços com entidades locais e dar seguimento

a processos iniciados em anos anteriores, por forma a pôr em prática projetos que contribuam para o desenvolvimento do agronegócio daquele país.



### Regadio no Chókwè

«Temos boas perspetivas no regadio do Chókwè, sito na Província de Gaza, no que diz respeito à implementação de culturas hortícolas e frutícolas, bem como relativamente à criação de gado na Província de Maputo, ambas a sul do país, onde o clima de tensão é praticamente inexistente. É necessário investir mais em frio, em tecnologia, na transformação e na comercialização dos produtos», revela Firmino Cordeiro, Diretor-Geral da AJAP. A missão técnica incluiu visitas a diversas explorações agrícolas de investidores portugueses nesta região a sul do país, bem como a jovens agricultores locais, à Hidráulica de Chókwè e ao Complexo Agroindustrial do Chókwè.



«Esperamos para breve, fruto de visitas de responsáveis moçambicanos a Portugal, que possamos encontrar alguns empresários portugueses determinados a investir naquele país», acrescenta Firmino Cordeiro. As culturas de maior interesse e com maior potencial de negócio neste perímetro de regadio são arroz, milho, hortícolas, tomate para indústria, castanha de cajú, frutas e a criação de gado.

O Presidente do Concelho de Administração da Hidráulica do Chókwè, Soares Xerinda, deverá deslocar-se a Portugal nos próximos meses, a convite da AJAP,

para visitar perímetros de rega portugueses e estabelecer contacto com jovens agricultores interessados em investir em Moçambique.

Nas reuniões mantidas com entidades governamentais de Moçambique, destaque para o encontro com o vice-ministro do Comércio e Indústria, Regendra de Sousa, que manifestou interesse em colaborar de forma estreita com a AJAP para dinamização da agroindústria, como motor do desenvolvimento das regiões rurais, capazes de produzir em maior quantidade e qualidade.





### A agricultura em Moçambique

**25%** - contributo da agricultura para o PIB de Moçambique\*

**80%** - população ativa na agricultura\*

**40%** - receitas de exportações agrícolas moçambicanas\*

**3,5%** - crescimento estimado do setor agrícola em Moçambique até 2020\*

**\$14.69 mil milhões** - PIB de Moçambique em 2015 (-13% face a 2014)\*\*

**-6%** - decréscimo PIB de Moçambique em 2016-2017\*\*

\*Economist Intelligence Unit (EIU)

\*\*Banco Mundial

Por outro lado, na componente da formação profissional, e na preparação de jovens moçambicanos para poderem “agarrar” desafios próprios e criarem o seu emprego, a AJAP deverá avançar, até ao final do ano, com um programa de formação em parceria com uma organização.

Numa reunião mantida com a Cooperativa de Poupança e Crédito dos Produtores do Limpopo, tornou-se evidente que o financiamento é uma das vertentes mais importantes para alavancar o investimento na agricultura em Moçambique e que o país necessita de encontrar parceiros credíveis para se financiar. A AJAP manifestou disponibilidade em receber uma comitiva de representantes desta Cooperativa em Portugal, de modo a facilitar contactos com instituições bancárias portuguesas potencialmente interessadas em financiar projetos agrícolas em Moçambique.

## AJAP homenageada com Prémio AGRO-BUSINESS 2016 Portugal-Moçambique

**A AJAP esteve na FACIM, de 29 de agosto a 4 de setembro, em Maputo, como expositora no Pavilhão de Portugal. Durante o evento participou num seminário com empresários portugueses e moçambicanos e deu a provar os sabores de Portugal.**



*Firmo Cordeiro, Diretor-Geral da AJAP, recebe o Prémio AGRO-BUSINESS 2016 Portugal-Moçambique*

A AJAP esteve presente na 52ª edição da FACIM-Feira Agro-Pecuária, Comercial e Industrial de Moçambique como colaboradora e expositora no Pavilhão Portugal. A Fundação AIP foi a entidade responsável pela presença portuguesa na feira, onde estiveram 50 expositores nacionais. As empresas tiveram oportunidade de apresentar os seus produtos, reunir com entidades e empresários locais e de participar em workshops e mostras de degustação de produtos portugueses.

A AJAP colaborou com a Fundação AIP na organização de um seminário, a 31 de agosto, que contou com a presença de muitos empresários portugueses em

Moçambique e empresários moçambicanos. A cerimónia foi presidida pelo ministro da Economia de Portugal, Manuel Caldeira Cabral, que participou na entrega dos prémios AGRO-BUSINESS 2016 Portugal-Moçambique a cinco entidades, pelo seu trabalho em prol da dinamização dos negócios entre Portugal e Moçambique e da promoção dos produtos portugueses naquele país. A AJAP foi uma das homenageadas.



*Produtos portugueses apresentados pela AJAP na prova de degustação em Maputo*

«Com a humildade que sempre caracterizou e caracteriza a conduta e o comportamento da AJAP, o Prémio AGRO-BUSINESS 2016 Portugal-Moçambique significa um reconhecimento e o dever de continuar a trabalhar ainda com mais afinco e mais determinação naquilo em

que acreditamos. A agricultura é a chave do desenvolvimento e a cura para a fome. Fome que é a mãe da pobreza», afirma Firmino Cordeiro, Diretor-Geral da AJAP, a propósito do prémio recebido.



Primeiro-Ministro de Moçambique visita stand da AJAP na FACIM

## «A instabilidade política causa grandes transtornos à produção agrícola»

**Jonas Mabunda, diretor executivo da Fenagri-Federação Nacional das Associações Agrárias de Moçambique, revela os setores e regiões com maior potencial para atrair investidores estrangeiros e aponta as fragilidades e desafios da agricultura moçambicana.**

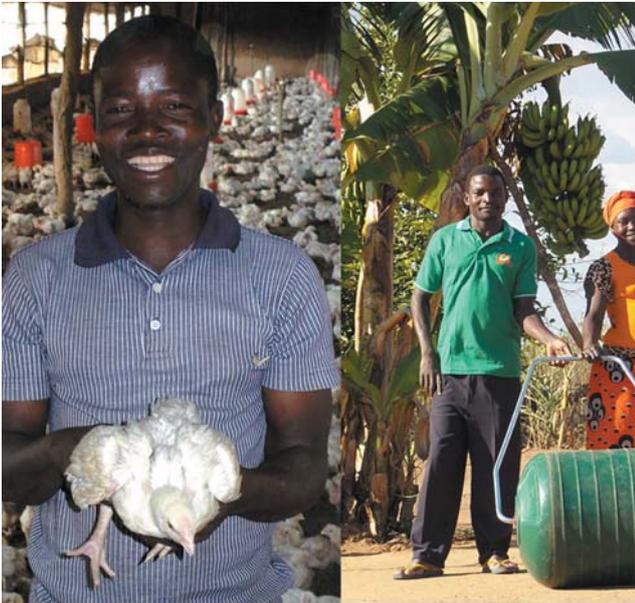


**Como está a evoluir o investimento privado no setor agro-industrial em Moçambique?**

O investimento privado em Moçambique apresenta níveis desejáveis e os setores que atraem mais investimentos são: pecuária, avicultura, horticultura, processamento de vegetais e frutas, aquacultura e fomento de tabaco. Os investidores são sobretudo chineses, japoneses, sul-africanos e ingleses. Cito alguns projetos de referência: Macs in Moz-Macadâmia, no distrito de Sussundenga; Companhia de Vanduzi- produção de hortícolas; empresa Abílio Antunes- produção de frangos em Gondola; Mozbife- produção de carnes; Clifton – Meadows, produção de leite; WAMBAU- produção de arroz no regadio de Baixo Limpopo, província de Gaza e MATAMA- produção de carne, na província de Maputo.

### Quem é a Fenagri?

A Fenagri, constituída em abril de 2013, representa 680 agricultores, filiados em 33 associações de agricultores. As suas delegações situam-se em Maputo (sul), na Beira (centro) e em Nampula (norte). Além de prestar assistência técnica na promoção de investimentos, atua na celeridade dos processos para concessão da terra e realiza conferências para atrair investidores ao setor agrícola. A sua atuação inspira-se «na solidariedade social, na livre iniciativa, no direito de propriedade, na economia de mercado e nos interesses de Moçambique».



Produção de aves na Província de Nampula. Moçambique produz 57.424 toneladas e importa 66.424 toneladas de carne de frango/ano.

### Quais os desafios de Moçambique para o desenvolvimento do setor agro-industrial?

Os principais desafios são a formação e treinamento de capital humano; a modernização da produção; o aumento dos níveis de produção e produtividade; o agro-processamento e o financiamento ao setor. Por outro lado, é essencial a construção de infraestruturas e vias de acesso para permitir o escoamento da produção.

### Que sinergias podem ser aproveitadas entre a Fenagri e a AJAP com vista ao desenvolvimento da agricultura moçambicana?

As sinergias são possíveis em diversas áreas como a formação orientada para a produção; o desenvolvimento de infraestruturas de base produtiva; a transferência de *know-how* e partilha de experiências, em prol da modernização e inovação do setor. E ainda através da definição de estratégias para o financiamento e desenvolvimento, da realização periódica de feiras agropecuárias e criação de parcerias entre empresários.

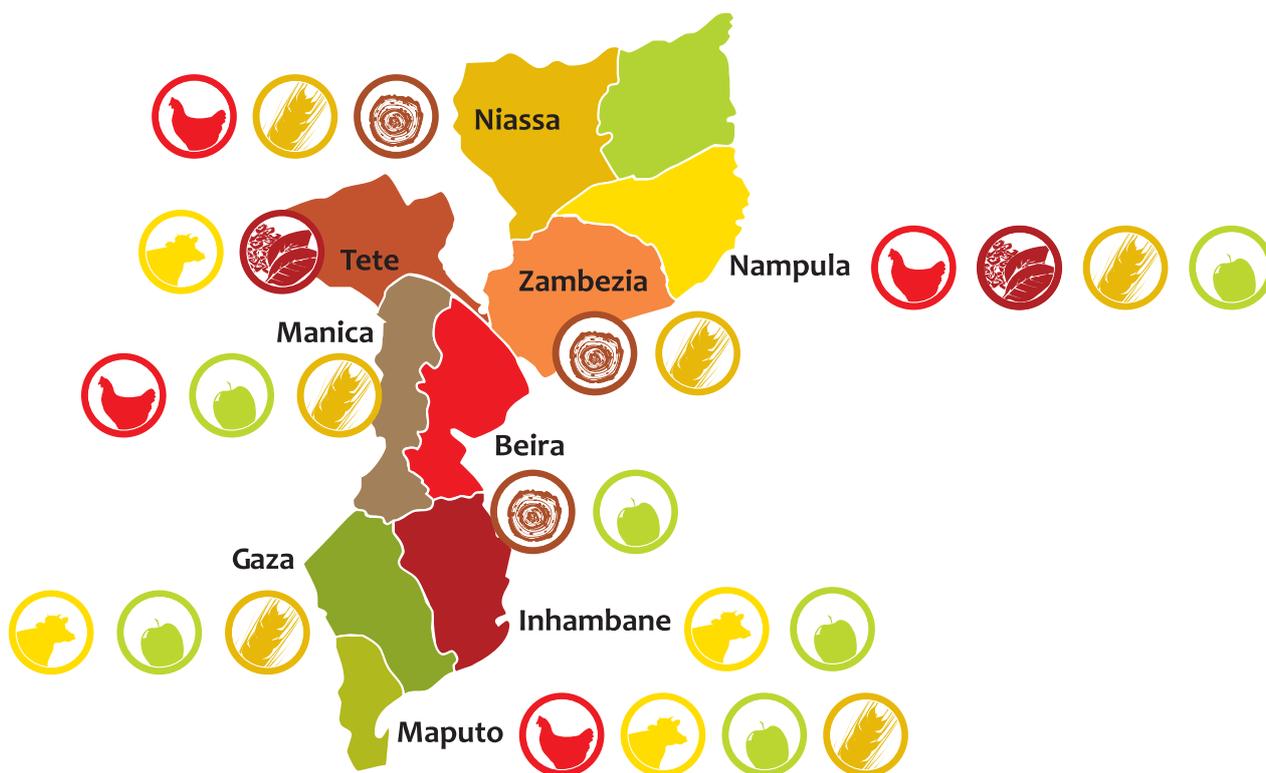


Na Província de Gaza a área disponível para agricultura é de 629.000 hectares, existindo dois sistemas de regadio infraestruturados, nos distritos de Chókwè e de Xai-Xai. As culturas estratégicas são o milho, feijões, mandioca, banana, cajú, cana de açúcar e peixe.

### A instabilidade política e a falta de capital são um entrave ao desenvolvimento da agricultura em Moçambique?

A instabilidade política tem causado grandes transtornos na produção agrícola, principalmente nas zonas onde isso acontece, porque muitos produtores abandonam as suas áreas de origem, refugiando-se noutras localidades mais seguras. Por outro lado, os elevados custos de transação de crédito têm impacto negativo no acesso ao mesmo nas zonas rurais. O acesso a crédito não só continua baixo, mas existe também uma desigualdade na aquisição do mesmo, provocando desta forma um constrangimento para os agricultores.

Oportunidades de investimento em Moçambique



Na Província de Manica existe produção intensiva de cereais e leguminosas de grão e algumas unidades de produção de farinha e rações.



A cidade de Maputo tem 1,2 milhões de habitantes. As necessidades de consumo de hortícolas é estimada em 366.000 toneladas, mas a produção atual não ultrapassa as 75.000 toneladas.



Niassa é uma província virgem para o investimento, com boas potencialidades no negócio da soja e do milho. Está em implantação uma fábrica de rações com a capacidade para transformar 10.000 ton/ano. A aquacultura é outro segmento de interesse com potencial de 58.000 hectares e potencial produtivo de 1.392.000 ton/ano.

## São Tomé tem potencial para lá do cacau

**O segundo país mais pequeno de África procura cada vez mais diversificar as culturas e apostar na tecnologia. A produção e transformação de baunilha, pimenta, açafraão e frutas tropicais são um dos caminhos possíveis para o país.**



Abel Bom Jesus, presidente da Associação dos Jovens Agricultores de São Tomé e Príncipe, numa exploração com rega gota-a-gota

São Tomé e Príncipe (STP) é um oásis quase perdido no coração do Golfo da Guiné, descoberto pelos portugueses em 1470, e cuja agricultura assenta, desde sempre, na monocultura. Primeiro foi a cana do açúcar introduzida em 1501, seguiu-se o café e, por fim, o cacau, durante o século XIX. Em 1918, o país chegou a ser o maior exportador mundial de cacau, atingindo as 35 mil toneladas. Atualmente, o cacau mantém-se como o produto-rainha da agricultura santomense, sendo responsável por 93% de todas as exportações, ainda que a produção pouco passe das 3.000 toneladas. Abel Bom Jesus, presidente da Associação de Jovens Agricultores de São Tomé e Príncipe, destaca entre os produtos exportados «a copra, ou seja, a polpa de coco seco, sementes de palma e café».

O crescimento débil desta economia tem sido impulsionado não só pela agricultura, como também pelo

setor dos serviços. O país apresenta uma das economias mais frágeis do continente africano e a pobreza atinge cerca de 60% da população santomense. Apesar disso, a Economist Intelligence Unit e o Fundo Monetário Internacional estimam que o Produto Interno Bruto deverá crescer 4,9% em 2016.

### O PIB de São Tomé e Príncipe deverá crescer 4,9% em 2016

Também a Agência para o Investimento e Comércio Externo de Portugal (AICEP), que em 2015 abriu uma delegação em STP, prevê: «a produção agrícola deverá crescer a um ritmo moderado, apoiada pelo investimento em novas plantações de cacau e de óleo de palma, bem como nos esforços para aumentar a produtividade dos projetos comerciais existentes atualmente», segundo a ficha de mercado sobre o país de março de 2016.

### Aposta na diversificação de culturas e tecnologia

Nos últimos anos, os vários governos têm vindo a fazer um esforço para explorar o potencial agrícola do país, de forma a diversificar a economia e garantir a segurança alimentar da população. A aposta tem sido feita na tecnologia e na diversificação de culturas, nomeadamente, na produção em estufa e irrigação gota a gota, uma verdadeira revolução na agricultura daquele país, que continua a importar grande parte dos seus bens alimentares. De acordo com a AICEP, Portugal continua a ser «a principal origem dos produtos importados, ocupando, desde 2010, uma quota de mercado que ronda os 60% e que, em 2015, ascendeu a 57,5 milhões de euros. Deste valor, cerca de 43 pontos percentuais são do sector agroalimentar». Entre os produtos agroalimentares mais exportados por Portugal, estão o vinho, a farinha de trigo e de mistura e a água mineral e gaseificada.

Um dos maiores exemplos da nova visão para a agricultura santomense foi o Projecto Descentralizado de Segurança Alimentar (PDSA), que vigorou entre em 2009 e 2015. Teve como missão que as merendas escolares passassem a integrar obrigatoriamente hortícolas, sendo estas compradas pelo Estado aos pequenos agricultores, como forma de garantir o escoamento dos seus produtos. Assim, por exemplo, a mandioca, que existe em grande quantidade, pode substituir a farinha de milho, que o país não produz e tem de importar. Graças a este programa foi ainda possível a construção da primeira fábrica de transformação de mandioca e seus derivados, assim como, uma de transformação de polpas de frutas e três polos de armazenamento.



*O cacau mantém-se como o produto-rainha da agricultura santomense*

O país tem procurado também atrair investimento externo para este setor. A empresa francesa Malongo Mane vai investir mais de 13 milhões de euros em plantações de café na ilha de São Tomé, no âmbito de um contrato assinado com governo em Junho de 2016. Além do café como a principal cultura, ocupando uma área de 232 hectares, a sociedade francesa de torrefação de café vai ainda introduzir a cultura da baunilha.

### Missão técnica exploratória da AJAP a São Tomé e Príncipe

A AJAP realizou no final de maio uma missão técnica exploratória a São Tomé e Príncipe, no âmbito da qual visitou explorações agrícolas e empresas são tomenses, entre as quais a Agripalma e a Satocao, e reuniu com a cooperativa de agricultores de Mé-Zochi. A comitiva da AJAP foi recebida pelos presidentes das câmaras distritais de Lemba, Lobata, Cantagalo, Água Grande e Mé-Zochi e pelos ministros da Juventude e Desporto, Marcelino Sanches, e da Agricultura e Desenvolvimento Rural, Teodorico Campos.

Durante a visita, a Direção da AJAP assinou um protocolo de cooperação com a entidade sua homóloga Associação dos Jovens Agricultores de São Tomé e Príncipe.

Os contactos bilaterais entre a AJAP e as entidades de São Tomé foram facilitados pela Associação para a Cooperação, Cultura e Desporto entre Portugal e S. Tomé e Príncipe, presidida por António Schneider, personalidade relevante na vida empresarial de São Tomé.





Plantação de ananás

### Fracas infra-estruturas e reduzido mercado interno

De acordo com o relatório da organização African Outlook de 2014, as deficientes infraestruturas do país limitam o seu potencial de crescimento. O custo de expedição é cerca de 30% a 40% mais elevado em STP do que em Libreville, a capital do país vizinho, o Gabão. A AICEP refere que as dificuldades são essencialmente estruturais e prendem-se com a insularidade e reduzida dimensão do mercado interno, num país com apenas 198 mil habitantes. Na ficha de mercado, esta entidade destaca, por um lado a fraca capacidade de fornecimento de energia, as fracas infraestruturas e a indisponibilidade de terra, e por outro, a falta generalizada de poder de compra por parte do mercado interno. Na agricultura várias entidades evidenciam a insuficiente mão-de-obra qualificada, falhas energéticas e indisponibilidade de água como os principais entraves ao sucesso. No caso da cultura-rainha, a aposta faz-se na produção e secagem do cacau, o que, por si só, não acrescenta valor ao produto.

### Oportunidades em culturas de elevado valor

No documento 'São Tomé e Príncipe Oportunidades e Dificuldades do Mercado' de agosto 2016, a AICEP salienta, no entanto, que há um conjunto de condições que propiciam o sucesso da agricultura, tais como a fertilidade dos solos, a adequação do clima e, por fim,

a alta qualidade do produto. Esta entidade refere que se deve dar primazia a culturas de elevado valor no mercado internacional, concretamente, a transformação de cacau, baunilha, pimenta e açafrão, assim como a transformação de frutas tropicais. A criação avícola que permita fazer frente à predominante importação de frango do Brasil e de Espanha é outra das áreas com potencial.

### 60% das importações de São Tomé provêm de Portugal

Para o cacau, vários intervenientes defendem ser necessário privilegiar a qualidade e a produção em modo biológico, em detrimento da produção intensiva, investindo, ao mesmo tempo, na criação de uma indústria transformadora que torne o cacau em chocolate. Também Filipe Bonfim, veterinário santomense, na apresentação 'Sector agrícola e perspectiva de desenvolvimento em São Tomé e Príncipe' observa: «a longa experiência acumulada na exploração do cacau, as características edafoclimáticas e as condições favoráveis de mercado parecem indicar oportunidades de crescimento desta cultura». Quanto aos desafios futuros da agricultura, o também professor de Biologia defende que estes passam «por aumentar as áreas cultivadas, intensificar o cultivo, reduzir as perdas pós-colheitas, e melhorar o processamento e a transformação dos produtos».



Produção de pimento em estufa

## Angola- um gigante adormecido

**Angola tem um imenso potencial no setor agroindustrial e o Governo elegeu a Agricultura como um dos setores prioritários para ajudar o país a sair da crise profunda em que se encontra devido à desvalorização do petróleo. Alguns investidores portugueses dão o exemplo.**



*Produção de milho no Kuanza Sul*

Antes da independência em 1975, Angola era autossuficiente na maioria das culturas agrícolas que constituíam a base alimentar do país e exportava café, milho, bananas, sisal, mandioca e tabaco. A guerra civil, que se prolongou por 27 anos, destruiu quase por completo a economia rural de base familiar e conduziu o país a uma enorme dependência das importações de bens alimentares.

Desde 2002, o país convergiu para uma economia de mercado, assumindo-se como uma potência regional no contexto da África Subsariana, aproveitando a riqueza em recursos naturais, com destaque para o petróleo, que tem representado cerca de 50% do Produto Interno Bruto (PIB), mais de 70% das receitas fiscais e mais de 95% das exportações. Impulsionada pelo aumento da produção petrolífera, entre 2003 e

2008, a taxa média de crescimento económico fixou-se em mais de 15% ao ano.

No entanto, o impacto da crise financeira global e uma quebra na produção petrolífera provocaram um abrandamento significativo do crescimento económico angolano entre 2009 e 2013. A queda significativa dos preços do petróleo, desde então, influenciaram negativamente o crescimento da economia angolana. As previsões mais recentes do Executivo angolano, após a revisão do Orçamento Geral do Estado (OGE), em agosto passado, apontam para um crescimento modesto do PIB, de apenas 1,1%, em 2016.

### Agricultura prioritária

O Governo anunciou em janeiro passado um plano estratégico para relançar a economia, procurando alternativas ao petróleo como fonte de divisas. A agricultura é um dos setores prioritários, elencados por Luanda.

Segundo o ministro da Agricultura, Afonso Pedro Kanga, «o país ambiciona uma produção empresarial de grande escala, já que precisamos de aumentar a oferta de produtos agrícolas no mercado nacional». Dados revelados em junho passado, indicam que em 2015, Angola produziu 1,8 milhões de toneladas de cereais, com grande relevância para o milho, 10 milhões de toneladas de raízes e tubérculos, sobretudo mandioca, batata-doce e batata rena, e 450 milhões de unidades de ovos. A população empregada no sector agrícola é de 2,4 milhões de pessoas e existem no país 3.000 mil unidades de explorações agrícolas empresariais

O potencial irrigável de Angola é de 7,5 milhões de hectares, mas o país tem apenas 45 mil hectares irrigados.



### Banco Mundial financia agricultura familiar

O Banco Mundial aprovou em julho passado um total de 63 milhões de euros para apoio ao desenvolvimento da agricultura familiar em Angola. O objetivo é capacitar 150.000 pequenos agricultores com vista a aumentar a produção e produtividade das suas culturas e melhorar os canais de comercialização. Parte da verba é alocada a instituições agrárias públicas (14%), a projetos de irrigação e drenagem (9%), extensão agrária e investigação (9%) e acesso à água, saneamento e

proteção contra inundações (8%). O Programa decorre até final de 2021 e tem uma dotação orçamental de 85,5 milhões de euros. O Ministério da Agricultura de Angola é o promotor.

A agricultura de subsistência constitui o principal recurso para a maioria da população angolana, ocupando cerca de 85% da força laboral, embora represente, aproximadamente, apenas 10% do PIB total.

## Investidores portugueses em Angola

Alguns portugueses chegaram a Angola para investir na área agroindustrial muito antes da crise do petróleo e têm negócios bem sucedidos.

### Valagro e Carnes Valinho



O português Hélder Espírito Santo é um investidor na área da Horticultura no Kwanza Sul. Tudo começou há seis anos quando adquiriu uma propriedade de 1.500 hectares de mata por desbravar na localidade de Wako Kungo. Homem experiente no ramo e com uma logística de aprovisionamento já bem estabelecida à grande distribuição alimentar em Angola, o empresário arrancou com um projeto de produção de culturas hortícolas (batata, cebola, tomate e

pimento). Hoje em dia, a Valagro detém cerca de 500 hectares de área útil organizada, com sistemas de rega e drenagem instalados e uma central de embalagem em funcionamento.



Hélder Espírito Santo criou em 1996 a Valinho Angola - Produção e Comercialização de Carnes e seus derivados, Lda, sendo a atividade inicial da empresa a importação de produtos alimentares. Mais tarde, em 2008, inaugura uma unidade industrial que produz diariamente 15 toneladas de fumados e 20 toneladas de cozidos.



### Comércio bilateral Portugal-Angola

Os dados mais recentes, divulgados pelo INE angolano, e relativos ao 1º trimestre de 2015, indicam que a Coreia do Sul foi o primeiro fornecedor de Angola, com uma quota de 21,5%. Seguiu-se a China, com uma quota de 16,8%, a que corresponde uma subida homóloga de mais de 134%. Portugal desceu para a terceira posição, com uma quota de 10,9% e uma quebra homóloga de 2,1%.

As exportações totais de Portugal para Angola caíram 34% em 2015, totalizando 2,1 mil milhões de euros, contra 3,1 mil milhões em 2014, de acordo com o INE português. No setor agroalimentar, florestas e mar, a quebra das exportações no mesmo período foi de 29%, totalizando 516 milhões de euros (727 milhões em 2014). Bebidas, carnes, óleos vegetais e animais, papel e cartão, ovos, laticínios e mel foram os principais produtos portugueses importados por Angola.

Pelo contrário, as importações de produtos agroalimentares angolanos para Portugal aumentaram 163% (1,7 milhões de euros) em 2015. As principais categorias de produtos importados foram peixe e crustáceos, café, chá, especiarias e madeira.

A China mantém-se como o principal cliente das exportações angolanas, com uma quota de 43,9%, Portugal posiciona-se no 6º lugar, com uma quota de 3,8%, no total das exportações.

### Grupo Líder

O Grupo Líder é um principais players no setor da produção agrícola e agroindustrial em Angola. É propriedade do investidor português João Macedo, e outros membros desta família originária de Alcobaça, que se instalou em Angola em 1999. O grupo detém 14 empresas em Angola (desde a distribuição e retalho alimentar, transportes, construção civil, material de rega, etc) e emprega 2.000 pessoas. Um dos investimentos mais recentes da empresa prevê a construção, no município da Kibala, de um pavilhão de 3.500 m<sup>2</sup> para instalação de equipamentos e hangares cobertos, um de 2.400 m<sup>2</sup> para estábulos, outro de 450 m<sup>2</sup> para sala de ordenha e um de 1.500 m<sup>2</sup> para produzir queijo, iogurte e empacotamento de leite, com uma produção diária estimada de 35.000 litros de leite.

O projeto envolve ainda a construção de uma fábrica para a transformação de hortofrutícolas, bem como na produção de flores e processamento de carne. O contrato de investimento foi assinado com o Governo angolano em março de 2016, que conferiu à empresa uma redução de 72,5% nos encargos fiscais, durante 10 anos.

A Nova Agrolíder produz cerca de 150.000 toneladas de produtos hortícolas em várias regiões de Angola. Em Outubro, iniciou a exportação de bananas, cerca de 200 toneladas por semana, com destino a Portugal, Espanha e França.



## «O consumo alimentar vai crescer muito na China»

Alberto Carvalho Neto, presidente da Associação de Jovens Empresários Portugal-China (AJEPC) defende que o sucesso das exportações portuguesas para o país mais populoso do mundo assenta numa estratégia conjunta por parte dos PALOP. Na AJAP vê um parceiro estratégico para ajudar a aproximar os jovens empresários agrícolas à China.



### Como têm evoluído as exportações agroalimentares portuguesas para a China desde a criação da AJEPC, em 2012?

Constatamos que as exportações diretas de pequenas e médias empresas cresceram largamente e a captação de investimento particular e empresarial chinês em Portugal teve um grande aumento, fruto do trabalho desenvolvido em conjunto com diversas associações, câmaras de comércio e organismos de promoção de Portugal.

### Qual a estratégia de promoção da marca Portugal que a AJEPC tem vindo a desenvolver?

Entendemos que na China o importante é promover Portugal em cooperação com outras associações, apoiando o tecido empresarial e realizando ações de promoção cultural. Temos de ir à China com ideias bem concebidas e planeamento a médio e longo prazo. É importante viajar em conjunto com os nossos "irmãos", os Países de Língua Oficial Portuguesa (PALOP). Desta forma, temos maior força e fazemos a diferença, além de podermos ter oportunidades de triangulação de negócios.

### Depois de Macau, qual o caminho que foi e está a ser feito para as outras regiões?

Acreditamos que Macau tem um enorme potencial como porta de entrada para a China, mas temos de ver a China como um continente, contendo distintas realidades. Por exemplo, o vinho verde tem imenso potencial nas províncias de Sichuan e na região de Chongqing. Temos de saber agir global de uma forma local. A AJEPC foi desenvolvendo diversos acordos de colaboração com associações de Macau, China, dos PALOP e alguns países da União Europeia. Nas relações locais os nossos projetos são mais direcionados para as regiões onde podemos ter um impacto mais forte e mais reconhecido, fugindo inicialmente a locais onde a competição internacional é grande.

### **Há previsões de quando poderão estar concluídos os processos de certificação de carne de porco, aves e fruta portuguesas pelas autoridades chinesas?**

Quanto ao processo de produtos suínicos, pelo que sabemos através da AQSIC China (equivalente à nossa DGAV), o processo está muito adiantado, faltando agora os representantes de ambos os países reunirem para assinar o acordo. Acreditamos que seja feito ainda durante este ano.

Já a certificação da fruta é mais um passo importante, sendo de realçar, neste âmbito, o trabalho feito pela Portugal Fresh na organização de missões inversas de extrema importância para acelerar estes processos.

### **Que produtos agroalimentares portugueses têm mercado na China?**

A China irá crescer muito no consumo de bens alimentares, quer os básicos como os de alta qualidade. Com o aumento e crescimento da classe média chinesa, existirão mais oportunidades para produtos novos portugueses: mel, aguardente, vinho do porto, produtos lácteos e seus derivados, fruta desidratada. Mercados mais “ocidentais”, como Hong Kong e Macau, poderão ser nichos para exportação de gin, produtos hortícolas e frutas frescas.

### **Quais as principais dificuldades que os empresários nacionais enfrentam ao exportar para a China?**

São essencialmente a falta de informação, diferenças culturais e linguísticas, que se traduzem em formas de estar e de fazer negócios diferentes das nossas.

### **Pedia-lhe três ideias-chave que qualquer empresário deve saber de antemão para ter sucesso na China.**

Saber como funciona o mercado, como nos protegermos, o que fazer em situações difíceis, como resolver. Dar seguimento à informação acordada durante uma reunião logo após a mesma e não esperar chegar a Portugal para o fazer. Saber que a forma mais fácil de comunicar na China é pela aplicação Wechat!

### **O que se pode esperar este ano da Feira Internacional de Macau (MIF, 20 a 22 de outubro)?**

A MIF será mais uma vez um projeto de cooperação entre a AJEPC e diversas associações nacionais e internacionais dos PALOP. Destaco a cooperação crescente com a CONAJE (Confederação de Jovens Empresários do Brasil). Teremos uma forte presença da AICEP, pois este ano Portugal é o país convidado, o que dará ainda mais força à presença empresarial portuguesa!

### **Como se materializa a parceria estabelecida entre a AJAP e a AJEPC?**

A AJAP e AJEPC têm vindo a realizar várias iniciativas conjuntas, destacando as sessões de esclarecimento, participações em missões empresariais, participações em feiras, entre outras. Esta parceria tem possibilitado a aproximação de jovens empresários de Portugal com a China, mas também com os países irmãos, resultando na cooperação e apresentação de projetos conjuntos ao Fundo de Desenvolvimento da China para os PALOP. É uma parceria estratégica, pois quanto mais desenvolvermos os nossos laços, mais oportunidades de criar pontes de ligação para as exportações portuguesas e de apoiar os jovens agricultores com informação e ferramentas que os ajudem a tomar decisões.



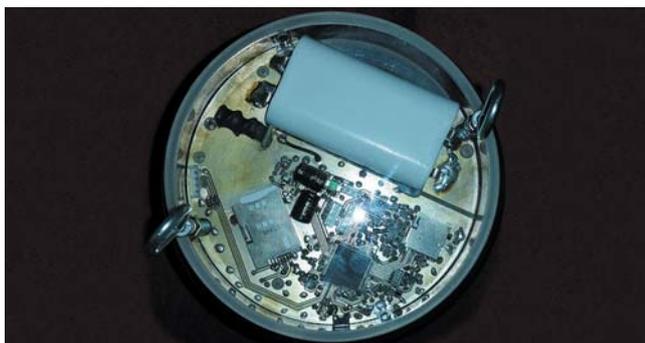
Visita de empresários chineses a Lisboa

## Mosca da Azeitona- gestão integrada com nova ferramenta autónoma de contagem automática



**O ENTOMATIC aborda um problema importante para as organizações de olivicultores da UE: a Mosca da Azeitona (*Bactrocera oleae*). As armadilhas criadas no âmbito deste projeto incorporam um sensor bioacústico que deteta a presença do inseto à sua entrada, e em caso afirmativo, identifica a Mosca da Azeitona, através de um registo sonoro.**

Conseguimos progressos durante o ano de 2016, com uma nova versão da armadilha que foi testada com sucesso na deteção da Mosca da Azeitona. Esta nova versão permite também armazenar os dados recolhidos num cartão SD, como salvaguarda de eventuais falhas na ligação remota às armadilhas.



A rede é composta por módulos radio ligados entre si e foi obtida através do desenvolvimento de um software que permite a gestão automática das armadilhas ligadas, o que confere grande autonomia ao sistema. Graças a estes módulos radio incorporados no sensor bioacústico, a informação recolhida pelos sensores é enviada para um recetor central, que por sua vez a reenvia para o sistema central de comando. Este siste-

ma foi testado em vários olivais da Cooperativa Falset-Marçà, na região de Priorat, na Catalunha, em 2015.

O setor olivícola há muito que desejava uma forma rentável de quantificar e de controlar de forma precisa as populações de Mosca da Azeitona. Espera-se que este sistema contribua para reduzir os estragos na produção de azeitona e de azeite, bem como para promover o uso sustentável dos inseticidas.

Graças ao ENTOMATIC os olivicultores poderão fazer um seguimento exaustivo das pragas (população, localização geográfica e potenciais movimentações da mosca) e beneficiar de aconselhamento técnico sobre a aplicação de inseticidas.

O consórcio do ENTOMATIC é composto por associações de PME do setor olivícola da UE e da Turquia e por PME especialistas em soluções de controlo de pragas. Estas vão liderar as especificações, a validação, a proteção e a aplicação dos resultados gerados pelas entidades de investigação selecionadas (RTD performers), especializadas em Entomologia, sistemas de apoio, Bioacústica, Eletrónica, Processamento de Sinais, soluções de TI, comunicações sem fios e de protótipos.

Por: Albert Bel Pereira, PhD  
Network Technologies and Strategies research group (NeTS)  
Universitat Pompeu Fabra, Barcelona

Veja o Vídeo: <https://entomatic.upf.edu/>





**PORTUGAL**  
**agro** uma ligação forte  
à nossa terra

*Feira Internacional das  
Regiões, da Agricultura  
e do Agro Alimentar*

**28 a 30 OUT. 2016**

FIL | PARQUE DAS NAÇÕES

**Venha mostrar à cidade  
o que se faz no campo!**



### **Grande Encontro da Agricultura Nacional**

- Encontro de agricultores, produtores e empresas do sector
- Eventos técnicos e de formação
- Concursos, degustações e venda directa de produtos das regiões
- Exposições de raças e leilões de gado
- Gastronomia e animação cultural e musical

**... do prado ao prato... no Portugal Agro!**

*Bons produtos,  
Bons negócios,  
à mão de semear.*

[www.portugalagro.fil.pt](http://www.portugalagro.fil.pt)

ORGANIZAÇÃO:



COM ALTO PATROCÍNIO:



APOIO INSTITUCIONAL:



# Agricultura regressa à RTP2 aos sábados às 13h



Um programa da autoria e com produção da AJAP